

VISÃO DO CORREIO

O acordo que o mundo não cumpriu

Em 2015, quase 200 países se reuniram em Paris e assumiram um compromisso histórico: manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C em relação à era pré-industrial. O acordo foi celebrado como um marco civilizatório, a prova de que a humanidade era capaz de se unir diante de uma ameaça comum. Onze anos depois, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) admite, pela primeira vez em um documento oficial, que esse limite será ultrapassado. O desafio, diz o relatório, não é mais evitar o excesso, e, sim, administrá-lo. É difícil não sentir o peso dessa frase. Administrar o excesso significa aceitar que falhamos no objetivo central que nos propusemos. As emissões de gases de efeito estufa continuam crescendo. Os combustíveis fósseis seguem sendo subsidiados por governos que assinaram o Acordo de Paris. As metas climáticas nacionais, na maioria dos casos, não foram cumpridas. A coordenação global que o momento exigia nunca chegou, substituída por promessas de cúpulas, relatórios sem força vinculante e a política do calendário eleitoral, que empurra as decisões difíceis para a próxima administração. O mundo já está pagando a conta. Os três últimos anos foram os mais quentes já registrados. As ondas de calor que mataram dezenas na Europa, as enchentes que submergiram Porto Alegre em 2024, as secas que devastaram comunidades no Nepal e os

sinais do Super El Niño que se forma neste momento são os primeiros pagamentos de uma dívida climática acumulada por décadas de inação. O planeta está enviando avisos em linguagem cada vez menos sutil e, ainda assim, a resposta política permanece aquém da urgência. A tentação, diante de uma notícia como esta, é a resignação. Se o limite foi ultrapassado, se o Acordo de Paris não funcionou, se os governos não agiram quando ainda havia tempo, para que insistir? Essa lógica é compreensível. E é precisamente o raciocínio que não podemos nos dar ao luxo de seguir. Cada décimo de grau que deixarmos de emitir representa vidas que não serão perdidas, ecossistemas que não serão destruídos, cidades que não serão inundadas. A diferença entre 1,6°C e 2°C é catastrófica. E a diferença entre 2°C e 2,5°C, mais catastrófica ainda. Superar o limite de 1,5°C é uma derrota. Não pode ser uma desistência. O momento exige luto pela meta perdida, pelas oportunidades desperdiçadas, pelas vidas que já foram e pelas que serão afetadas. Mas exige, acima de tudo, que esse luto não se converta em paralisia. Reduzir emissões agora ainda importa. Proteger florestas ainda importa. Financiar a transição energética nos países mais vulneráveis ainda importa. O mundo que vem será mais quente do que queríamos. Mas o quanto mais quente depende, ainda, das escolhas que fizermos e das ações que vamos tomar.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

A guinada digital

A terceira semana da campanha pelo Planalto se aproxima do fim com uma constatação. As redes sociais continuam como o principal front de batalha entre os candidatos. Mesmo com pesquisas mostrando que os eleitores estão cansados da polarização e embates nas plataformas, dois fatos indicam que Instagram, X e TikTok, principalmente, serão decisivos. O primeiro é o salto de Augusto Cury nas pesquisas depois de uma expansão expressiva na presença digital. O candidato do Avante atingiu dois dígitos em sondagens eleitorais divulgadas nesta semana e se consolidou como terceira via, bem à frente de Ronaldo Caiado e Renan Santos. Cury também foi o candidato mais procurado no Google e ganhou mais de 2 milhões de seguidores em menos de uma semana. A audiência nas redes sociais saltou de 8,3 milhões para quase 11 milhões. Não é pouca coisa. Em uma campanha cada vez mais dependente da exposição digital, essa velocidade ajuda a explicar a mudança de pata-mar do candidato. O crescimento chamou a atenção dos adversários. Há monitoramento sobre o que é considerado um avanço incomum. Um dos dados que alimentam a curiosidade é o pico de buscas por Cury na Índia, registrado pelo Google Trends. O dado, isoladamente, não permite concluir a origem ou a razão desse movimento. Serve, porém, para mostrar o tamanho da disputa por atenção nas plataformas. O segundo fato também está diretamente relacionado. A crise envolvendo o Supremo Tribunal Federal transformou-se em um ponto de inflexão nas redes. Levantamento do Instituto Democracia em Xequê aponta 1,1 milhão de menções a Alexandre de Moraes, sua família e Daniel Vorcaro, produzidas por 120,4 mil autores únicos, com 11,8

milhões de interações em um intervalo de 24 horas, a partir da derrubada do sigilo da investigação pelo ministro André Mendonça. O volume permaneceu elevado durante a tarde e a noite de terça-feira e voltou a ganhar força na manhã seguinte. A direita transformou as revelações em pressão por consequências contra Moraes. Perfis desse campo passaram a defender investigação, impeachment, afastamento e prisão do ministro. A mobilização também foi incorporada à preparação para o 7 de Setembro. A crise no Supremo e o pedido de impeachment de Moraes aparecem como principal justificativa para levar apoiadores à Avenida Paulista no feriado. Com 1,12 milhão de menções em apenas 24 horas, a crise no STF superou bem, nesse intervalo, casos recentes de enorme repercussão política, como a condenação de Jair Bolsonaro, que alcançou 756 mil menções, e o caso *Dark Horse*, com 911,9 mil. Também ultrapassou o movimento registrado em torno da chamada obstrução da Câmara pelo impeachment de Moraes, que somou 329,7 mil menções nas primeiras 24 horas. É fato que o voto continua condicionado a fatores econômicos, sociais, regionais e políticos que não cabem em uma tela de celular. Também é precipitado transformar seguidores em votos, mas a experiência desta semana mostra, porém, que ignorar o ambiente digital é um erro. Cury demonstra como a atenção pode ser convertida em crescimento político. A crise no Supremo revela como um acontecimento pode ser amplificado até dominar a conversa pública. A disputa presidencial entra em uma fase em que cada candidato terá de administrar dois desafios ao mesmo tempo: falar com o eleitor que já está nas redes e tentar alcançar aquele que começa a se cansar do barulho. Isso a apenas 30 dias de irmos às urnas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Educação

O GDF analisou resultados do Ideb e define ações para melhorar o ensino no Distrito Federal. Quer melhorar? Invista. É tão louco e desigual que eu saí de uma escola que tinha tevê, internet, ar-condicionado em cada sala para outra escola que sequer tinha comemorações nas datas festivas. Não estou falando de periferias, mas de gestão e administração de recursos. O tal do “quem indica”, o QI, é uma barreira intransponível. O problema é que as pessoas veem políticos, mas a questão vai além disso. A educação é uma marionete nas mãos de políticos, da direita, da esquerda e do que mais vier. E vou além: estamos defendendo a categoria, mas sabemos que poucos de nós temos compromisso de entregar o nosso melhor. Somos servidores públicos, mas estamos realmente servindo com excelência? Quantas vezes reclamamos da saúde pública? Dos transportes? Da segurança? Já refletiram se estamos acomodados, esperando algo, ou estamos fazendo, diante do que temos, como gostaríamos de receber?

» **Andréa Labossiere**
Brasília

Fatos

A palavra “fato” segundo uma das definições do dicionário *Houaiss*: “Algo cuja existência pode ser contestada de modo indiscutível”. Contudo, não é segredo para ninguém que, diante de qualquer fato, as mentiras ainda são contadas e a desinformação é propagada. Só que não adianta mais fazer algo como “isso aqui é falso, e a verdade é essa”, porque não tem sido mais uma bússola moral. A maioria das pessoas não quer saber o que é verdade ou não? Não é fácil reconhecer que a convicção em relação a algo ou alguém não passa de mera teoria. Assim como também não é fácil enxergar a verdade nua e crua. Infelizmente, isso acontece desde que o mundo é mundo, e tem ficado cada vez mais evidente e perigoso. Hoje, há defesa de qualquer assunto, para qualquer lado, principalmente no Executivo, Legislativo e Judiciário, e de qualquer perspectiva. Não necessariamente por diferentes pontos, mas porque as pessoas aprenderam a usar partes da verdade para construir narrativas falsas que sustentem a sua ilusão, que se materializa diariamente em atitudes e consequências. Será que não temos um Pinóquio na Praça dos Três Poderes?

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Escala 6x1

Alcolumbre diz que Senado votará PEC 6x1 após as eleições. Então é assim? Primeiro, dizem que a pauta é prioridade. Depois, a PEC avança na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e, quando é a hora de levá-la ao plenário, a votação fica para depois das eleições de outubro? O trabalhador não pode ser prioridade só depois que o voto dele já foi depositado nas urnas. Promessas não pagam as contas, e discursos não dão dois dias de descanso por semana. Se existe compromisso com o fim da escala 6X1, coloquem a matéria para ser votada. Deixem os senadores voltarem e deixem o povo saber que está a favor e quem está contra ele.

» **Jheff Silva**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Revoltante o que está sendo noticiado na imprensa local, e até na internacional, sobre os acontecimentos no âmbito do Supremo Tribunal Federal (STF). Nunca antes neste país aconteceu escândalo expondo as vísceras da Corte. Espero que, a exemplo de várias situações, essa não seja mais uma a cair no esquecimento.

Manoel Alexandre — Brasília

A conclusão possível: Vorcaro comprou todos aqueles que estavam à venda em Brasília. Lembrei-me de uma máxima atribuída a Apparício Torelly, o Barão de Itararé, que reza: “O homem que se vende recebe sempre mais do que vale”.

Rinaldo Figueiredo — Santa Maria (RS)

As redes sociais estão contribuindo para o debate político nas eleições? Sim, e muito. Essa é a eleição das redes sociais.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Eleição: único dia em que a palavra do rico do pobre tem o mesmo valor

Diego Rodrigues — Brasília

Fila do INSS zerada, diz o governo Lula. Negaram todos os pedidos? Havia 3 milhões de pedidos na fila. Qual foi a mágica?

Valdelice da Silva Maia — Pedra Azul (ES)

Telemarketing

Considero o telemarketing, que interrompe a vida da gente várias vezes ao dia, como um assédio e uma invasão de privacidade. Ou é “oferta exclusiva” ou tentativa de golpe, como aquele manjado de que “uma compra foi realizada com seu cartão de crédito”. Sei que existe lei e cadastro para bloquear chamadas. Tenho preferido bloquear o número e denunciá-lo como spam. Já perdi a conta de quantos números já bloqueei, mas eles parecem ser infinitos, porque as empresas (e golpistas) burlam os sistemas, trocam números, usam robôs. É uma máquina de perturbação funcionando o dia inteiro e sem consequências reais. Já o consumidor precisa guardar prints, registrar protocolos, gravar ligações, formalizar reclamações para provar que está sendo importunado. Com tantas tecnologias de rastreamento telefônico, quem sofre o abuso é quem precisa produzir as provas. Enquanto isso não mudar, continuaremos sendo atormentados todos os dias.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotograficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br